

RECUPERAR

Caso BES, Vistos Gold, Caso Sócrates... Estes são só alguns dos escândalos que têm dominado Portugal desde o Verão. Numa cascata constante de notícias e informação que promove apenas o **sensacionalismo**, deixámos de olhar os seus intervenientes como pessoas com a sua verdadeira dignidade humana. Integrámos uma opinião pública que já não fala a uma só voz, mas é apenas uma junção de individualismos superficiais, que “discutem com igual facilidade a democracia na *Casa dos Segredos* como os segredos na casa da Democracia” (João Taborda da Gama), e onde conceitos como justiça, dignidade ou verdade já não apresentam um significado único.

Face aos problemas mais radicais da existência humana, a solução “**não se encontra enfrentando directamente os problemas, mas aprofundando a natureza do sujeito que os enfrenta**” (Luigi Giussani). Podemos verificar que o confronto com a realidade, que faz nascer perguntas e problemas, só pode ser uma provocação positiva para nós se o nosso “eu” estiver disposto “a dialogar consigo mesmo” (Hannah Arendt). Se nós, de facto, formos verdadeiros connosco, poderemos verificar que temos um desejo que não é redutível face aos engenhos que o mundo dá, mas pelo contrário enaltece-se com mais vigor perante a dramaticidade do viver que “nos corta as pernas” (Cesare Pavese).

Assim sendo, só um homem que aprofunda a sua natureza, isto é, que procura perceber e levar a sério as suas exigências de Verdade, Justiça e Beleza, poderá não cair na tentação de desesperar face a uma circunstância concreta que o desafia, um país que se esquece das suas origens, uma crise que não permite viver, mas somente sobreviver, ou um poder político que se revela corrupto.

Não há leis perfeitas. A mudança, o restauro da ordem, não se dão com um simples recomeçar do zero, mas sim considerando os problemas na sua globalidade. E, além disso, é preciso deixar de lado a cultura do instantâneo e recuperar a virtude da paciência, sem exigir resultados imediatos. No entanto, esta espera deve estar assente numa atitude consciente, pessoal e ponderada, formada a partir dos nossos próprios juízos, bem mais concreta do que uma mera expectativa de desfechos messiânicos. É necessário enfrentar o ruído do mundo, dar espaço ao silêncio no nosso dia, deixar que entrem em nós “perguntas inconvenientes”, para que possamos respondê-las a partir da nossa natureza e exigências. Desta forma, seremos capazes de agir e não só reagir.

Trata-se de educar, de dar testemunho. Trata-se de “reconhecer a centralidade da pessoa humana”, o que “implica também promover os seus dotes”, investindo “nos âmbitos onde os seus talentos são formados e dão fruto”: a educação, a começar pela família, as escolas e universidades. “Um autor anónimo do século II escreveu que «os cristãos são no mundo o que a alma é para o corpo». A tarefa da alma é sustentar o corpo, ser a sua consciência e memória histórica” (Papa Francisco ao Parlamento Europeu). Acreditamos que recuperar a consciência e a memória será o único caminho para uma sociedade humanamente mais verdadeira e justa.

Dezembro 2014
Comunhão e Libertação Universitários